



N.º 94 - LISBOA, 27 DE OUTUBRO

2.º ANO 1914

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se às quintas-feiras  
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**  
PREÇO AVULSO 20 RÉIS  
Um mez depois á: publicado 40 réis

Redação e administração — RUA DO GREGIO LUSITANO, 66, 1.º  
**Assignaturas (pagamento adiantado)**  
Lisboa e provincias, anno 52 num. 13000 rs. || Brazil, anno 52 numeros. .... 25500 rs.  
Semestre, 20 numeros..... 5500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.  
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros. 13800 rs.  
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data ;  
tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES  
COMPOSIÇÃO  
**Minerva Peninsular**  
83, Rua do Norte, 83  
IMPRESSÃO  
**Lithographia Artistica**  
Rua do Almada, 32 e 34

### MERCURIO POLITICO



Os pés da presidencia do conselho



## Um medico no governo



O que houve de verdadeiramente interessante na ultima crise ministerial, foi a entrada para o novo governo do conhecido medico o sr. dr. Moreira Junior.

Os medicos não eram novidade na politica. Recentemente, por exemplo, foi ministro da marinha e depois da fazenda, o sr. Teixeira de Sousa, que, como o sr. Moreira Junior, é medico.

Mas o sr. Teixeira de Sousa, para não falarmos em outros cujos nomes não nos occorrem, pertence ao numero d'esses numerosos diplomados que abandonam os seus diplomas e as carreiras a que elles lhes dão direito, para se consagrarem inteiramente á politica. Bachareis em direito, não seguem a advocacia. Quando muito, entram na magistratura judicial, carreira eminentemente dependente da politica. Engenheiros, procuram quando muito alguns d'esses postos decorativos, que tendo relação com o seu diploma, não o põem á prova. Numa palavra, raramente exercem a sua profissão. Finalmente, medicos, abandonam a clinica, se alguma vez a fizeram, ou não chegam a fazel-a, porque a medicina é que não tem relação alguma com a politica, nem encontra meio de tirar d'esta qualquer especie de proveito.

Tal, por exemplo, o caso do sr. Teixeira de Sousa, que não sabemos se alguma vez exerceu a medicina, mas que raros conhecem como medico, sendo elle comtudo tão geralmente conhecido como antigo deputado regenerador, como antigo ministro e como actual administrador geral das alfandegas.

Com o sr. Moreira Junior dá-se, porém, um caso inteiramente novo e original e é sendo sua ex.<sup>a</sup> antigo-deputado progressista e actual ministro da marinha, ninguem o conhece como deputado e como ministro e toda a gente o conhece como medico, porque se os medicos não eram coisa nova na politica, como nos prova o exemplo do sr. Teixeira de Sousa, os medicos militantes, como o sr. Moreira Junior, são uma perfeita novidade.

O sr. Moreira Junior foi medico antes de ser membro do partido progressista e seu ornamento. Entrado na politica, nem por isso deixou de ser medico, e em vão, em vão os jornaes nos falavam de um vago Moreira Junior, deputado da minoria. Para o publico, este Moreira Junior deputado, era outra coisa, era talvez

outra pessoa. O verdadeiro Moreira Junior era—o medico.

O sr. Moreira Junior tinha um partido? Era possível. O que elle com certeza tinha era um consultorio e ninguem, ninguem o procurava, mesmo na camara, como membro do partido progressista, ou como deputado da minoria. Mesmo na camara o procuravam como medico. Os seus amigos politicos—eram os seus doentes.

Quantas vezes não lhe succedeu receber um cartão de visita em plena discussão das propostas de fazenda?

O sr. Moreira Junior, que é muito amavel, vinha aos corredores da camara.

O que era?

Era simplesmente um doente que vinha participar a sua ex.<sup>a</sup>, como Luiz XVI, — que a purga fizera feito.

O sr. Moreira Junior, realisava n'uma palavra, esse typo do medico profissional, cuja função social nunca consiste em tratar doentes e que nada mais podem fazer na vida do que receitar, curar, tomar o pulso, pedir a lingua.

Como medico profissional, sua ex.<sup>a</sup> era além d'isso, já, um grande medico. O seu nome andava em todas as boccas. Todas as enfermidades o procuravam e sua ex.<sup>a</sup> não tinha mãos a medir.

Quando uma profissão dá a gloria e a fortuna, não se procura outra.

O publico e mormente, o publico enfermo suppunha ter o seu medico, certo — á sua cabeceira. Pensava-se e com razão, que a politica era, afinal, para elle uma distracção, de que bem precisava.

A medicina é uma profissão ardua. O dr. Moreira Junior estava no partido progressista pera descansar — dos seus doentes.

Depois da lição na Escola Medica, depois da visita ao hospital, depois da consulta, depois da clinica era justo que espatrecesse um pouco. Sua ex.<sup>a</sup> ia então um bocado á camara, dava dois dedos de cavaco aos seus amigos da minoria, pedia o *Diario do Governo* e as illustrações, tomava uma groselha, emitia com desfastio e vagar uma ou outra opinião sobre administração, colonias, pedagogia, hygiene.

Isto fazia-lhe bem, preparava-o melhor para as luctas do dia seguinte.

O publico assim o pensava, considerava com sympathia esse medico excellenté que se refazia na politica para o exercicio da clinica, quando eis que o dr. Moreira Junior apparece ministro — e ministro da marinha.

Immediatamente, se estabeleceu no espirito publico uma verdadeira confusão. Duvidou-se que o novo ministro da marinha, Moreira Junior, fosse

o medico d'este nome. Acreditou-se n'uma homonymia. Alguns doentes alarmados correram ao seu consultorio.

Quando, enfim, se verificou que o novo ministro da marinha era realmente elle, essa confusão augmentou. Perguntou-se. — O que vae fazer elle ao ministerio da marinha e porque o chamaram? Aggravaram-se os padecimentos d'algum novo navio de guerra? Está alguma colonia gravemente enferma?

Não é impunemente que se faz uma reputação de medico. Para o publico e para as suas superstições, o dr. Moreira Junior, que não tinha entrado para a politica como politico, não entrou para o ministerio como ministro. Para uma e para outro entrou como medico. Ao vê-lo passar na Arcada e entrar pela primeira vez no seu novo ministerio, o publico não pensou que elle fosse iniciar uma existencia nova, mas simplesmente vêr — mais um doente.

A' manhã, o dr. Moreira Junior passará no seu carro, caminho da Arcada, ou do conselho de ministros, ou da assignatura real, e o publico, ao vê-lo passar, dirá consigo: — Lá anda elle na faing, a vêr doentes! e pôde o dr. Moreira Junior ser ministro o tempo que quizer: este equivoco não cessará. — Elle ficará sendo, a despeito da sua pasta, como já o era, a despeito do seu logar de deputado, unicamente — o medico.

Em vão elle se occupará de marinha e de colonias. Mesmo no exercicio d'esta nova occupação, o publico confundirá o medico que elle foi sempre, com o ministro de Estado que vae ser.

Para a imaginação publica, a marinha de guerra e a administração colonial serão, sob a gestão do sr. Moreira Junior, um vasto hospital, e, se n'esse sentido, elle fizer alguma coisa boa, tudo será attribuido não á sua capacidade de administrador, mas ao seu saber medico.

A marinha engrandece-se?

Que grande medico!

As colonias levantam-se?

Admiravel medico!

A canhoneira *Tejo* declara-se absolutamente incapaz de navegar. O que é? E' um vicio de construcção? Nada d'isso! E' apenas um caso de ataxia locomotora, e lá está o ministro, isto é, lá está o medico omnipotente que vae a bordo da *Tejo*, a deita ao comprido, a ausculta, a apalpa, a faz recolher ao estaleiro e lhe prescreve—dieta.

A *Zambeze* chega de uma das suas numerosas campanhas coloniales, empaludada, anemiada, febril, mas o publico não se inquieta: sabe que lá está o ministro, isto é, o medico a receitar-lhe—quinino.

Os jornaes annunciam que o S.



*Gabriel*, ou o *S. Raphael* está a pintar o casco e o que imagina o publico? Imagina que estes vasos de guerra estão a ser pintados—com tintura de iodo.

A administração colonial, por sua vez, será objecto do mesmo irreparavel equívoco. A decadencia, ou os progressos das colonias serão assignalados não como o resultado da impericia da administração, mas como o effeito de desordens organicas. Dir-se-ha: «Aggravaram-se os padecimentos de Moçambique.» Ou: «Angola está em via de restabelecimento», e não será de extranhar que, n'esta ordem de idéas, um dia mesmo se diga: «A India já hontem se levantou», ou: «Macau deu hontem o seu primeiro passeio».

O actual ministro da marinha, este é o facto, não foi feito pelo seu partido. Foi feito pelos seus doentes.

Está no poder em commissão, mas não está a fazer administração.— Está a fazer clinica.

JOÃO RIMANSO.



#### Creio que falou bem.

Com toda aquella *sabença*  
Que na cabeça elle tem,  
Falou arroyo, com crença;  
Disse aquillo que *elle pensa*,  
E creio que pensou bem.

Que entre heróes da monarchia  
(Os que nos querem salvar)  
Vae espantosa *avaría*.  
Lá isso é que eu não sabia,  
Mas não me atrevo a negar.

Diz elle que *abastardados*  
(Lá na sua opinião)  
São esses famigerados  
Empreiteiros encartados  
Na esganadella do Cão.

Lá com isso é que eu não ardo,  
Não elevo á voz o tom,  
Nem estoíro qual petardo...  
Porque sei que do *bastardo*  
É que se faz vinho bom!

Finalmente, Arroyo, arisco  
D'esta feita se mostrou;  
E, se elle fugiu do aprisco,  
É que enjouou o petisco  
Que d'antes saboreou!...

Os enjões não são novos;  
E o rifaõ lá apregôa  
Na sua sciencia dos povos...  
Que até comer trouxas d'ovos  
Todos os dias, enjôa!...

No variar, com espezteza,  
Consiste o não ser *Pancracio*...  
E este dito, com certeza,  
E' do rei da *Madureza*,  
Se não chega a ser de Horacio.

SIMPLICIO.

## DEPOIS DA CRISE

O paiz perante os governos.

Segundo os numerosos telegrammas publicados nos jornaes, foi recebida em todo o paiz com verdadeiro regosijo, a noticia da queda do governo. Mas que simplesmente o actual governo caia não já d'aqui a quatro annos, mas d'aqui a oito dias, e o regosijo do paiz pela sua queda será igual. Em toda a parte subirão foguetes, as philarmonicas farão ouvir os seus accordes festivos e os jornaes publicarão telegrammas d'este theor: —*Marco de Canavezes*: A queda do partido progressista e a subida ao poder do governo regenerador tem sido n'esta villa motivo de grande satisfação e regosijo.

Agora as eleições:

Fizeram-se ha pouco tempo as eleições geraes para deputados e o paiz concedeu a maioria dos seus suffragios aos regeneradores, que estavam no poder.

Quer dizer, ha poucos mezes ainda o paiz era, para que assim o digamos—regenerador.

Mas cáem os regeneradores. Sob o poder o partido progressista, são dissolvidas as camaras, procede-se a novas eleições e o paiz que ha poucos mezes era regenerador e dava aos regeneradores a maioria dos seus suffragios, passará a dal-os aos progressistas.

As novas eleições estão á porta e os seus resultados estão previstos — o paiz votará nos progressistas.

Que fizeram em tão pouco tempo os regeneradores para assim desmerecer da confiança do paiz?

Nada!  
Cairam.

O governo—diz-se— não póde governar sem uma maioria parlamentar. Mas como se explica que elle conte com ella, se o paiz ha pouco acaba de lh'a recusar?

Não é certo que os partidos regenerador e progressista consultaram ha pouco a urna? Assim é.

Não é certo que a urna, ha pouco ainda, acaba de pronunciar-se favoravelmente para os regeneradores e apenas com uma minoria de votos para os progressistas? Assim é também.

Onde vão portanto os progressistas buscar uma maioria para governar?

Não importa! — Essa maioria, os progressistas tel-a-hão e governarão com ella.

A ficção eleitoral está-se a metter pelos olhos.

O paiz não vota com os partidos: vota com os governos.

O paiz não tem partido.— O paiz quer sempre o governo que está, prompto a querer outro, desde que está outro.

Portanto, se o acto eleitoral é uma ficção, o paiz é outra, porque é difficil admittir a existencia de uma collectividade de vontade tão caprichosa.

Não ha eleições, como não ha eleitores— Ha um certo numero de palavras servindo para coonestar um certo numero de factos.



#### O verbo «fomentar» no ponto de vista da politica e da pharmacoopêa.

Os povos são de uma incommensuravel candura.

Produziu—dizem os telegrammas— magnifica impressão em Barcelona, o discurso proferido pelo ministro Allende, na inauguração das camaras de commercio.

E porquê? —Porque produziu magnifica impressão este discurso?

Porque o ministro Allende affirmou «que o governo fomentará o desenvolvimento dos interesses vitaes do paiz.»

Fomentará!...

O que seria dos governos sem este verbo—*fomentar*?

O que seria dos governos e o que seria das pharmacias?



#### Tres doidos e tres problemas.

Tres individuos que estavam presos na Penitenciaria e que, por terem endoidecido, passaram d'alli para Rilhafolles, fugiram de Rilhafolles, dando mostras no decurso d'esta operação, de se encontrarem em seu perfeito juizo.

Presos pela policia, declararam-se curados.

Resta agora conhecer o destino que lhes dará a policia, porque se elles estavam em Rilhafolles, é porque estavam doidos, e se estão curados não podem ficar em Rilhafolles.

Recambial-os para a Penitenciaria?

Tambem não pode ser. Se foram tirados da Penitenciaria por estarem doidos, não podem voltar para lá por estarem curados.

Emfim, não são tres doidos. São tres problemas.



# O MINISTERIO

(I)



Presidencia do conselho sem pasta



## UMA MISSÃO DE CONFIANÇA

Na impossibilidade em que por ora se encontra e que estimamos seja breve, de fazer acto de presença no decurso da vida ministerial, o chefe do governo encarregou o sr. Antonio Cabral da missão de o substituir para os efeitos da sua actividade motora.

Governar não é apenas exercer as faculdades da intelligencia e da vontade. Governar é tambem — mobilisar-se. O homem de governo anda em constante movimento — Ora está junto do chefe do Estado, ora está no ministerio, ora está no parlamento, ora está nos templos assistindo ás ceremonias do culto official, ora está nos theatros ennobrecendo com a sua presença os espectaculos de gala, ora está nas festas a que assiste o governo, nas inaugurações de monumentos, nas inaugurações de linhas ferreas, ora está em viagem recebendo as homenagens do functionalismo publico e as consagrações populares.

Governar, em summa, é andar n'uma roda viva.

N'estas funcções de movimento foi investido o deputado sr. Antonio Cabral.

E' uma missão de confiança ?

E'.

Para dai semelhante encargo a um homem é preciso pelo menos — confiar-lhe nas pernas.

Mas não lastimemos o sr. Antonio Cabral!

Se o ideal do homem politico é ser chefe de partido, o sr. Antonio Cabral já o é — da cintura para baixo.



### Rimas e factos.

Echos das ultimas invernias, segundo um jornal da manhã:

«Como o dia d'hoje foi de verdadeiro inverno, grande foi a concorrência á Bocca do Inferno.»

Rima e parece que é verdade. — Tem sido um inferno de gente na Bocca do Inferno.



### Originaes e traducções.

O auctor do crime do Porto reconheceu que se tinha inspirado no crime de Aix-les-Bains.

Quer dizer—mais uma traducção! Assim, na vida como no theatro, —ausencia absoluta de originaes.

## A canhoneira «Tejo»

ou uma negação para o mar.

Ha um vaso de guerra portuguez que traz o paiz em constantes sobresaltos.

E' a canhoneira *Tejo*.

Conhecem-se os constantes accidentes a que este navio se tem exposto, desde que saiu dos estaleiros do arsenal de marinha para as vicissitudes da navegação e da defesa publica.

A canhoneira *Tejo* ainda não desamarrou uma só vez da boia, que não lhe succedesse desastre, e aqui está justamente o ultimo de que nos falamos nos jornaes:

«A canhoneira *Tejo* largou hontem (23) da boia, afim de acertar as agulhas, quando no seu regresso abalroou com um pontão que lhe causou algumas avarias. Em auxilio da canhoneira foram alguns vapores.»

Finalmente amarrou outra vez á boia. Mas que a desamarrem—e os desastres succeder-se-hão.

Depois de tudo isto o que nos parece averiguado é que a canhoneira *Tejo* tem uma negação absoluta para a vida do mar, e o que nos surprehende é que o ministerio da marinha não a faça seguir outra carreira. Ella pode talvez ainda prestar serviços excellentes de secretaria. Terá talvez boa letra. Quem sabe? Dará talvez um optimo amanuense.

Como funcionario publico é possivel que venha a valer alguma coisa—como canhoneira parece-nos condemnada.



### A tomada de Lisboa aos mouros

O que imaginam os leitores d'este jornal que se commemorou esta semana?

A tomada de Lisboa aos mouros. Por este motivo, houve missas solenones por musica na Sé e na igreja dos Martyres e, n'esta ultima, procissão. A' noite, os templos illuminaram.

Não é brincadeira. Foi assim. Vem em todos os jornaes. Missa solemne, musica e procissão — nem mais nem menos.



### Males e remedios

Um dos nossos collegas da manhã publica sobre assumptos militares um substancioso artigo no qual se affirma a necessidade de accudir com «remedio eff.» á organização do exercito e em que se verifica a existencia de um mal estar que reclama «curativo adquado.»

Remedio!... curativo!...

Vê-se que está no poder um medico.

## GUITARRA DA PARODIA

### MOTE

O meu amor é bombeiro;  
Que apaga incendios sei eu;  
Mas o que tenho em meu peito  
Não apagou,—accendeu.

### GLOSA

Segundo o que me parece,  
Na roda de altos senhores  
Podia eu buscar amores  
Se muito bem os quizesse;  
Mas a mim não me appetite  
Tudo quanto é sobranceiro;  
Quero ter amor sem cheiro  
A fumo de fidalguia;  
E digo com ufania:  
O meu amor é bombeiro.

Dizem que elle é constructor  
De diversos edificios,  
E que acumula os officios  
De comparsa e de cantor:  
Dizem que já foi actor  
No theatro do Colyseu;  
Dizem que a ler aprendeu  
Nos seus tempos de aprendiz...  
E' isto o que ahí se diz;  
Que apaga incendios sei eu.

Sei que elle nunca vae mal,  
No empunhar da agulheta;  
Sei que, se toca a trombeta,  
Acóde logo ao signal;  
Sei que ganhou de metal,  
Medalha que faz effeito;  
Sei que o meu verso imperfeito  
Para o gabar não tem arte...  
Não lhe dou louvor que iarte,  
Mas o que tenho em meu peito!

Eu ardo em chammas de amor  
A que não sei resistir,  
E não me vem acudir  
O meu bem-apagador!...  
O incendio vae a maior  
Lavrando no peito meu...  
Pois com todo o poder seu,  
Saber, destreza, manejo,  
As chammas do meu desejo  
Não apagou,—accendeu!

### VENANCIO.



### Advento do franquismo...

em Ferreira do Zezere

Telegramma de Ferreira do Zezere:

*Ferreira do Zezere, 19.* — A' chegada da noticia da queda do gabinete regenerador, os amigos do sr. João Franco lançaram ao ar grande numero de foguetes, e percorreram as ruas da villa, com a philharmonica Ferreirense, á frente.

Os «vivas» ao sr. conselheiro João Franco eram levantados com grande enthusiasmo e delirantemente correspondidos.

Segundo parece, o ministerio em Ferreira do Zezere é franquista.

Ainda bem.

Já era tempo que o franquismo fosse ao poder — embora em Ferreira do Zezere.





Abriam os theatros, com excepção de S. Carlos que, na sua qualidade de theatro aristocratico, só abre tarde, (o que é proprio das maneiras aristocraticas é serem tardias) e com excepção do theatro de D. Maria, que espera no Porto, a chegada do inverno.

Dizer que o publico concorre em massa aos theatros que estão abertos, é ocioso. O theatro é a forma de contribuição que o publico melhor paga.

O Colyseu enche-se todas as noites, ou, senão todas, quasi todas. Aos domingos transborda.

Valle, no Gymnasio, prosegue na sua sympathica tentativa de resurreição de comedia portugueza.

A Trindade, theatro eminentemente popular, não larga de mão o *Relogio Magico*, cuja superioridade principalmente consiste em não se atrazar.

Na Avenida, Sousa Bastos, sempre empreendedor, põe em scena os *Dragões de Villars*, do grande repertorio de opera comica. E' quasi S. Carlos.

A revista de Machado Corrêa e Accacio Antunes—*O Anno em tres dias*, continúa trazendo, ou levando, ao velho e melodramatico theatro Principe Real, a clientella sempre numerosa das alegres noites de espectáculo.

Finalmente, o theatro D. Amelia, prepara-se com algumas *reprises*, para a sua campanha de inverno, que se annuncia já sensacional, e mostra entretanto, afim de nos dispôr ás surpresas de Kubeik, o joven e brilhante violinista brasileiro, Sergio Barncourt.



**CASA PORTUGUEZA**

Papelaria e typographia

**José Nunes dos Santos**

Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephonic 220—Endereço telegraphico Papeltipo

PAPELARIA

TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas.

Trabalhos typographicos em todos os generos.

Impressões a côres, ouro, prata e sobre setim.

Papelaria: Rua do S. Roque 139 e 141

Officina typographica: R. das Gaveas, 89

LISBOA

**CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL**

**Gaston Piel**

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16



Julias, Lucias, Maris, Mariettas, Albertos, Nicolaus, Pedros, Gastões, Brancos, amarellos, encarnados, até pretos Vão ao 5r aos celebres gabões.

Banhistas, veraneantes, aristocratas, No mundo elegante, nos saibés, Até o Luciano das ratas Usa os baratos e bellos gabões.

Espingardas, lanças, flechas, Obuzes, metralhoras, canhões, Todas em combate não abrem brechas, Nos fortes e baratos gabões.

Se todo o mundo quizer ficar contente A's *Duas Tesouras* vá immediatamente Comprar um gabão ao Clemente Qué todo o inverno passará no quente.

José Alberto.

**CASA DAS TESOURAS**

51—R. da Escola Polytechnica—55

**Não confundir! unica casa**

com tesouras á porta.



**Callista pedicuro**

**Jeronimo Fernandes**

Empregado da casa Ornellas R. SERPA PIRTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado) Extração de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que alli se operam. Das 9 ás 5 da tarde



**ORTHOPEDIA**

**CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos DE MANUEL MARTINS**  
FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.  
**154, Rua da Magdalena, 154-A**  
(ANTIGA Calçada do Caldas Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa.

**Gabões d'Aveiro**

**SORTIMENTO** monstro para todos os preços, desde 2000 a 100000 réis. Ha para todos os tamanhos desde 0.º, 90 a 1.º, 55. Grandes descontos para revender. Fornece qualquer estabelecimento.

**Turco do Calhariz**

ALFAIATERIA

5—Largo do Calhariz—6



**Ouivesaria e Relojoaria**

com officina annexa de fabrico e consertos

**FLORINDO**

JOIAS COM brilhantes PREÇOS limitadissimos 99, RUA AUREA, 99



Pede-se a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro Visitar este estabelecimento

**Reparem!**

Chamar a atenção dos leitores para o facto que hoje publicamos no *Seculo*, é prestar áquelles que se vejam em lucta com doencas ge identica natureza, um serviço que incontestavelmente nos agradecerão, porque este caso servir-lhes-ha de guia para os conduzir onde facilmente encontrarão remedio para a sua enfermidade.

Vejam o que diz o Sr. José Ignacio da Cunha, operario tecelão, residente na Covilhã:

«Durante o dia era prostrado quatro e cinco vezes pela syncope

(Continúa).



# O SR. BEIRÃO EM PARIS

OSTRACISMO E OSTRAS



Não é nada... E' o ministerio que caiu !... Mais ostras !...